

Des – aprender em chão desigual: as lutas sociais no Cerrado contra o agronegócio em tempos de Colapso ambiental

Cleildes Marques de Santana
Universidade Federal do Oeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: cleildes.santana@ufob.edu.br

Clayton Emanuel Preto Rodrigues
Universidade Federal do Oeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: clayton.rodrigues@ufob.edu.br

1193

PALAVRAS-CHAVE: Colapso ambiental. Agronegócio. Lutas sociais. Estudos visuais

INTRODUÇÃO

No Brasil, mesmo com eventos extremos, a ex. da tragédia no Rio grande do Sul; queimadas no Pantanal; crimes ambientais no Cerrado decorrentes do agronegócio ressoam perguntas de vários lugares que persistem, retornam com frequência no “embate” Natureza e Sociedade¹. Destacamos a região Oeste da Bahia - Brasil, classificada como “terra vazia”, “terras marginais”, institucionalmente denominada de “Matopiba”², projeto multifacetado, multiescalar, multidimensional que sintetiza questões fundantes da expansão do agronegócio³. Como contraponto, problematizamos as lutas sociais, sobretudo de minorias marginalizadas, “os de baixo”, por contestar lugares de poder / deposição / decomposição de saberes para instaurar uma nova gramática para o Brasil e América Latina, em diálogo com

¹ As perguntas reúnem sinteticamente autores / as que refletem inquietações vibrantes, como também subsidia desdobramentos, particularmente no que diz respeito a dinâmica de variabilidade e multiplicidade dos processos de continuidades / descontinuidades que afetam as experiências sociais, exigindo o exercício da crítica permanente de / em / um pensar situado na contemporaneidade. Mais recentemente problematiza se a concepção de Antropoceno / Capitaloceno ou “fato social total”, reunindo as dimensões ecológica, econômica, política, religiosa, etc. Cf. Danowski, D e Castro, Eduardo Viveiros de. In: O passado ainda está por vir. SP, n-edições.2023. Há também uma recuperação recente de Felix Guattari (As 3 ecologias).

² A denominação MATOPIBA, designa a reunião dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, formada majoritariamente pelo Cerrado, criada em 2005, sem clara e objetiva “identificação” ou pertencimento por parte das populações quanto a esta denominação. Cf. Dossiê 47. Matopiba. In: Revista NERA (Núcleo de estudos, pesquisas e projetos de Reforma agrária). SP. Unesp.2019. ISSN 1806-6755.

³ Cf. Cartilha Povos tradicionais, elaborada por Comite da Bahia hidrográfica do rio São Francisco. 2024

Realização:



Apoio:



autores /as das Ciências sociais, Filosofia política e Estudos visuais (Adorno: 2020; Forster: 2006; Safatle: 2024; Pegoraro: 2011; Didi – Huberman: 2022; Azoulay: 2024)⁴.

A contribuição da teoria crítica nesta reflexão contempla a potencialidade de analisar, dentre outras questões, a “formação” social e por resultante seu devir, desnudando causalidade submersas, transformando-se em base de experiência formativa:

O núcleo dessa experiência reside na compreensão do presente como histórico e na recusa de um curso pré-traçado para a história, atribuindo-lhes um sentido emancipatório construído a partir da elaboração de um passado, que parece fixado e determinado apenas como garantia de sua continuidade, cujo curso precisa ser rompido em suas condições sociais e objetivas. (Adorno: 2020: 13).

Esta proposição disruptiva, dialoga com Didi – Huberman (2010) que postula a legibilidade das imagens enquanto rasuras, ou seja, para acentuar a visualidade de “materiais” audiovisuais / artefatos poéticos⁵ (sonoros, literários, estéticos, imagéticos, etc.) dispersos ou fora dos circuitos formais de leituras do / para o mundo⁶ e a perspectiva “des – disciplinar” (Azoulay : 2024) que implica em “des – aprender “possibilitando “sair do lugar de ilustração” para interrogar regimes fraturados, múltiplas camadas que compõem as dinâmicas de poder e opressão, perspectivar experiências propulsoras de outros modos de existências a partir da análise de artefatos “coletados”.

METODOLOGIA

Cotejamos nesta configuração imagens, áudios, vídeos publicizados nas redes sociais, pesquisa bibliográfica, notícias em blogs, sites e eventos transmitidos na plataforma Youtube à luz dos marcadores Tempo / Espaço / Corpos políticos (Godechot: 2015). Perspectiva que

⁴ Ver debate sobre o “lugar” da questão ambiental / ecológica no âmbito do Materialismo histórico (Foster, J. B. A ecologia de Marx. RJ. Civilização brasileira. 2005). É significativa a contribuição clássica da Sociologia, entretanto outros / os autores vêm problematizando temas como Modo de vida imperial / Modos de vida solidários (Brand); A natureza como sujeito de direito (Gudynas); por uma outra destruição da natureza (Safatle); Estado Plurinacional; Rasuras; Vestígios; História imperial, Tecno – imagens (Flusser), etc.

⁵ Como alerta Lowy estes materiais são “documentos poéticos de uma busca mágica e viagem arriscada em direção ao continente Utopia, do sonho de uma outra civilização”, do outro. In: Por uma insubordinação poética. Girard, G. SP: Sob influência, 2022.

⁶ Em recente produção, o referido autor problematiza a representação dos povos originários, questionando a “fabricação” de imagens enquanto montagens, fragmentos como portadores de historicidades silenciadas ou apagadas. (In: Povo em lágrimas, Povo em armas. SP. n – 1 edições. 2021).

Realização:



Apoio:



resiste a periodização convencional pois: “desaprender a tendência de olhar para esses momentos como quem vai a campo para descobrir peças esquecidas, como se essas ações e reivindicações tivessem parado de competir com outras”⁷. É preciso manter vivo o potencial de reverter a história. (Azoulay:2024). Como sugere Safatle se referindo ao escopo da “filosofia prática” em tempos de crise polissêmica, cabe (...) “pensar modos de ação social e deliberação, deixar os fragmentos de experiências falarem, serem expostos; ressoar não por demissão, mas por confiança de que eles são pontos de uma constelação por vir.” (2024: 11).

1195

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em 11 de maio de 2024, um “viral” (vídeo em rede social) denuncia e (d)escreve o “acidente” quase em tempo real da PCH Sta. Luzia: “Nada se resolve, a cena se repete. Triste! Olha um peixe morto ali! Devido a uma barragem construída rio acima. Olha para isto! Cadê as autoridades responsáveis por isto? É isto aí. ninguém toma providência!”⁸. Integrantes de grupos de pesquisas da UFOB (Univ. Federal do Oeste da Bahia) lançam nota; blogs “dispararam” conteúdos sobre o “acidente” (falabarreiras.com; maisoeste.com;novoeste.com). Dias depois, o INEMA (Inst. Do Meio ambiente e Recursos hídricos) emitiu nota embargando as atividades da PCH Sta. Luzia, balizando – se, dentre outros expedientes, em relatório técnico sobre condições e qualidade da água realizado por profs. / UFOB, que também realizou uma Mesa redonda controversa⁹. Em seguida, ocorreram visitas *in lócus* para averiguar o “acidente”. Anunciaram medidas (mudança de fluxo do rio e oferta de água tratada para consumo doméstico à população atingida), entretanto as comunidades atingidas reagem realizando petições *online* exigindo embargo definitivo¹⁰.

⁷ Cf. Santana, C. (2024) “Desver imagens produz futuro?”. In: <https://counter-image.fcsh.unl.pt/PT/index.html> Pesquisa anterior sobre o Cerrado, onde problematizamos imagens de “glamourização” e espetacularização do Cerrado, áreas de plantações e fazendas geo esteticamente projetadas, perfis de empresários, eventos musicais (agronejo), i. é, colonialismo digital perpetuando hierarquias digitais postos em circulação e de interesse do capital. É resultado de pesquisa anterior. A próxima etapa incluirá pesquisa - ação

⁸<https://www.canalrural.com.br/nacional/bahia/sedimentos-de-barragem-alteram-aguas-do-rio-grande-no-oeste-da-bahia/> extraído 24. maio de 2024

⁹ Mesa redonda: Segurança hídrica e impactos socioambientais: o caso da pequena central hidrelétrica. Consultado em 20, julho, 2024. Youtube.com.br

¹⁰ <https://www.change.org/p/peti%C3%A7%C3%A3o-p%C3%BAblica-de-embargo-definitivo-da-obra-da-pch-santa-luzia-em-s%C3%A3o-desid%C3%A9rio-ba?signed=true> . solicitação de embargo definitivo das obras por parte das comunidades atingidas em 15 de maio de 2024.

Realização:



Apoio:



As mobilizações das comunidades atingidas (Imagem 01 – As lutas sociais) remetem ao Tempo (Antes / Depois) das lutas, de um “ontem” ampliado e infinito , tendo em vista os diversos atos e mobilizações recorrentes e persistentes representando a luta por espaços capturados da força de trabalho, minerais, biológicos e subjetividades, sobretudo em decorrência do expropriação de água / terra em face de heranças coloniais e escravistas, a ex. PCH Sitio grande; Fazenda Estrondo¹¹; Grito das águas em Correntina; Operação Faroeste (grande aliança para venda / liberação de sentenças ambientais.)¹².

Os corpos políticos (Imagem 02 e 03 – Aérea da PCH; Debate na UFOB – A concertação) reúnem **àqueles** / as que operam dispositivos e se apropriam de “produtos” em contraposição àqueles /as de quem os recursos e trabalho foram extraídos. Os primeiros, esvaziam espaços de participação e contestação das comunidades atingidas; se omitem quanto às falhas nas etapas da obra; Desapropriações; violências contra mulheres; corresponsabilidade na ausência de canais de comunicação / Plano de contingência; Subvalorização de conhecimentos das comunidades atingidas; Minimização de danos (nascentes; mortandade de peixes); Expressam contrariedades e críticas às mobilizações das comunidades atingidas, atuam como operadores funcionais na concertação institucional (Chauí : 2024). De outro, as comunidades em luta, sempre, “Sem lavar ou esconder as mãos”.

CONCLUSÕES

Os registros imagéticos expressam parte do arco das lutas sociais em disputas sobre o território e seus usos. As questões pontuadas sistematizam os limites, desafios e possibilidades quanto a expropriação da natureza, falhas graves em todas as etapas. Exige, portanto, realização de fóruns consultivos e deliberativos; instâncias com poder decisório popular. O “des – aprender” pode se realizar com experimentações, romper com a educação formal, agregar processos colaborativos de práticas rebeldes, sensibilidades libertárias para outras gramáticas e desafios, como acentua Silva (2021): “Prefiro...prefiro não morrer. Mas prefiro morrer lutando. Prefiro morrer de bala, do que de sede. Ninguém vai morrer de sede

¹¹ Cf. <https://ispn.org.br/um-dos-maiores-casos-de-grilagem-do-brasil-e-tema-de-audiencia-publica/>

¹²<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-comunidades-ribeirinhas-da-bacia-do-rio-grande-lutam-contra-a-instalacao-de-pchs-na-regiao/> extraído em 20 de maio de 2024.

Realização:



Apoio:



nas margens de nossos rios. Porque morrer de sede é cruel demais para o nosso povo.”). A obra está embargada, mas em disputa com experiências vivas, ancestrais e ingovernáveis de “sabenças vivas” (Santos:2022), travessias insurrecionais por vir, recolocando outras configurações pois “o mundo inteiro é para todos, e cada um deve ter o que lhe cabe: a terra ao semeador, o mármore ao escultor, o oceano aos navios” (Michel:17:..2022).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Educação e emancipação. RJ: Paz e Terra. 2020.

AZOULAY, A. Aisha. História potencial; desaprender o imperialismo SP: UBU, 2024.

DIDI – HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. SP: Editora 34, 2010.

MICHEL, Louise. Tomada de posse. SP. Autonomia literária. 2021.

PEGORARO, É. Estudos Visuais: um campo emergente. In: Domínios da Imagem, Londrina, ano IV, n. 8, p. 41-52, maio 2011.

SAFATLE, V. Alfabeto das colisões: Filosofia prática em modo crônico. SP:UBU 2024.

SANTOS, Antônio B. dos et.all. Composto Escolas: Comunidades de sabenças vivas. SP, n – 1 edições, 2022.

SILVA, Conchita. Lambe – lambe do Cerrativismo. Bahia. Janeiro. 2021.

Realização:



Apoio:

